APRESENTAÇÃO

Num ano marcado pela pandemia do COVID-19, paralisando o cotidiano das pessoas, provocando sofrimento, perdas e uma percepção da fragilidade humana, onde no Brasil fomos vítimas de um governo negacionista e anticiência que tudo fez e foi vitorioso em sua estratégia de necropolítica, com o país se tornando o segundo em casos da doença e no número de mortes em todo o mundo, mantivemos a certeza que diante das trevas do irracionalismo, pesquisar, produzir e publicar se tornam uma tarefa para lutar contra o obscurantismo.

A tarefa foi concretizada. Mais uma edição da Entropia está sendo publicada. Com abordagens múltiplas de pesquisadores oriundos de todos os centros de pesquisa do Brasil e do continente americano.

Paulo Roberto Alves Teles analisa as transformações sobre a ideia de guerra que surgem após o 11 de setembro de 2001. Conflito, terrorismo, a guerra ao terror enquanto expressão de uma visão de mundo que se coloca como superior ao outro e que portanto, deve se afirmar no campo político internacional.

Clarissa Grahl dos Santos apresenta o oportuno estudo sobre a memória do período militar e de sua estruturação enquanto uma defesa de um projeto nacional por parte dos militares diretamente envolvidos na repressão após a redemocratização. A permanência de um saudosismo do período por parte de setores da sociedade próximos à extrema – direita é seu objeto de estudo.

Edhilson Dantas Alves analisa o Programa Brasil sem Homofobia criado em 2004 pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva. Desenvolvido pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, trazia como objetivos dar mais visibilidade e dignidade às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, além de capacitar profissionalmente e acabar com a LGBTfobia no Brasil, entre outros pontos. Sua ação demandou a busca de maior diálogo com a sociedade civil organizada para o sucesso do programa.

Ana Carolina Oliveira Alves e Henrique Dias Sobral Silva procuram estudar os movimentos de ocupação das escolas públicas no Rio de Janeiro por estudantes em 2016. Analisando as falas dos alunos, o artigo pretende analisar o estabelecimento de algumas leituras hegemônicas acerca das ocupações como

sendo uma etapa inexorável de movimentos sociais históricos, por vezes, alheios às condições materiais reais desses jovens, considerando o preocupante distanciamento no tempo e no espaço. A preocupação dos autores é discurso que heroiciza os jovens e tende a encerrar suas experiências de vida no momento das ocupações, sem entendê-los em suas trajetórias e condições socioeconômicas reais e com vivências anteriores e posteriores ao processo de ocupação.

Ana de Melo buscou refletir a participação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) no fortalecimento do Movimento Indígena, a partir dos anos de 1970 mediante as assembleias indígenas que resultaram em espaço para o desenvolvimento de um "protagonismo indígena", isto é, no desenvolvimento da capacidade dos povos indígenas em dialogar com o outro sem necessidade de mediadores.

Marcelo Aleff de Oliveira Vieira apresenta uma análise das relações sociais entre trabalhadores rurais e proprietários de terra na região de Miguel Alves, Piauí, entre 1984 e 2013. O artigo procura abordar as condições de vida e trabalho neste cenário, no qual os não proprietários poderiam ter acesso a uma parcela de terra em troca do pagamento de renda e cumprimento de obrigações aos fazendeiros. Destaca ainda, as estratégias de sobrevivência, formas de exploração, controle e dominação, igualmente, as resistências possíveis. Metodologicamente, o autor trabalhou com história oral, mediante a realização de entrevistas de história de vida, com roteiros semiestruturados, possibilitando o acesso às memórias e problematizar as experiências dos antigos moradores das fazendas.

Marcos Gandra nos apresenta uma leitura sobre a repressão efetuada entre 1984 e 1989 aos trabalhadores da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) em Volta Redonda. Em sua análise, assistiu-se a uma ação preventiva por parte do Estado sinalizando os limites da redemocratização, sinalizando a Nova República (1985-1990) como um modelo de democracia tutelada dentro dos marcos traçados pela ditadura de uma abertura lenta, gradual e segura.

Carolina Pereira Acypreste estuda a atuação do Estado Islâmico no contexto da Guerra Civil Síria que entre 2014 e 2017 implementou uma sistemática política de violência e terror contra a minoria étnico-religiosa Yazid. Em especial o sistemático estupro de mulheres e meninas yazidis. Para a autora, não se pode dissociar a política do Estado Islâmico de uma visão de mundo baseada na violência de gênero e exclusão social das mulheres. Além disso, a autora vê a política de estupro como estratégia de extermínio e, ao mesmo tempo, como uma forma de propaganda para atrair combatentes e seguidores.

Fernanda Pereira de Moura estuda o olhar sobre o ensino de história apresentado por um blogue indicado pelo Movimento Escola Sem Partido. O objeti-

vo do artigo para a utora seria o de mostrar o caráter negacionista e revisionista da história a ser ensinada na escola segundo o Escola Sem Partido bem como destacar como intelectuais deste movimento conquistaram importantes cargos no Bolsonarismo.

Cicero Anderson de Almeida Bezerra aponta que a memória se apresenta como uma construção social e nessa dimensão, determinados grupos se apropriam das narrativas e usam essas memórias como um instrumento de poder. Nesse contexto, a mídia se apresenta como um poder capaz de elaborar/reelaborar narrativas, construir/desconstruir processos sociais, políticos e culturais. Impactando a vida da sociedade e interferindo no cotidiano das sociedades.

Aline de Jesus Nascimento debate a atuação do Esquadrão da Morte e a sua cobertura por parte da revista Veja. A autora aponta que os dois nascem em 1968, ano que marca maior recrudescimento da repressão na ditadura militar no Brasil. Considerando a atuação do EM nas cidades do estado da Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro entre outros, a autora nos apresenta a forma pela quel o tema era tratado nas páginas da revista. Um ponto importante para a apesquisa sobre a violência urbana no país.

Por fim, apresentamos a entrevista com o professor da Universidade de Wiscosin – Madison, Joel Rogers. Autor de diversos livros e trabalhos em revistas acadêmicas, Joel nos permite refletir sobre a atualidade política nos EUA e suas contradições, os riscos para a democracia com a eleição de lidernaças tais como Trump e Bolsonaro, os pilares que constituem a sociedade norte-americana e seus limites, entre outros pontos. Uma instigante leitura de um sociólogo ainda não traduzido no Brasil.

Aos pesquisadores e pesquisadoras que acompanham nosso trabalho, desejo uma boa leitura e contamos com vocês para ampliar a divulgação da revista e superar esses tempos obscuros para a pesquisa científica, em especial, na área de humanas.